

SELVA E SEIVA: O ESTRANGEIRO, A FLORESTA E O ROMANCE SOCIAL

Luís Bueno

Universidade Federal do Paraná

RESUMO:

Neste trabalho estudaremos a figuração do olhar do estrangeiro sobre a Amazônia em *A selva*, de Ferreira de Castro, e *Seiva*, de Osvaldo Orico a partir das diferenças das perspectivas sobre literatura que os animam.

PALAVRAS-CHAVE:

Ferreira de Castro, Osvaldo Orico, Romance social, Estrangeiro, Amazônia.

ABSTRACT:

In this paper, we study the representation of the foreigner's view of the Amazon Forest in *A Selva*, by Ferreira de Castro, and *Seiva*, by Osvaldo Orico, focusing on their different perspectives on literature.

KEYWORDS:

Ferreira de Castro; Osvaldo Orico; Social Literature; Foreigner; Amazon.

Na década de 1930, como se sabe, o romance brasileiro exerceria um tremendo impacto sobre as letras portuguesas. Esse impacto não se fez sentir desde o princípio da década, mas ganhou corpo, de fato, a partir de 1938, quando as revistas e jornais literários começam a dar notícia constante dos novos autores brasileiros. O primeiro artigo a tratar, panoramicamente, do novo romance brasileiro na imprensa portuguesa apareceu em setembro de 1934, no jornal *O Diabo* – em número, aliás, que se abria com uma “Nota da redação” denunciando o “pouco interesse manifestado em Portugal sobre livros que falem do Brasil” (ANÔNIMO, 1934, p. 1).

Esse artigo pioneiro, intitulado “Literatura social brasileira”, era de um escritor português com ligações fortes com o Brasil, Ferreira de Castro, e tinha uma dupla preocupação. A primeira era a de apresentar ao público português alguns nomes de destaque da nova geração de escritores do Brasil – Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Amando Fontes, Juracy Camargo são os referidos. A outra era a de posicionar essa nova produção no quadro geral da literatura ocidental, em que o problema da literatura social se colocava com destaque já que, “Durante muitos anos,

aquele grande país sul-americano, último ninho dos parnasianos, distinguiu-se, sobretudo, pelo lirismo dos seus poetas e pelas pompas verbais de seus escritores” (CASTRO, 1934, p. 5).

Alguns meses antes, em abril, quem dedicara artigo a Ferreira de Castro no Brasil fora Jorge Amado. É um artigo especialmente interessante porque nele se evoca *A selva* não apenas para se louvar o romance, como também para legitimar a própria experiência do romance social tal como o autor de *Cacau* o praticava. Depois de afirmar que se trata de romance que conta uma história real, sem o “pitoresco” ou o “mistério longínquo” que dominaria boa parte da literatura sobre a Amazônia, passa a tratar de seu próprio romance para responder afirmação do crítico paulista Plínio Barreto segundo a qual “a miséria do trabalhador rural do sul da Bahia existia unicamente lá” (AMADO, 1934, p. 149). E aponta passagens que indicariam que, na Amazônia, as formas de exploração eram semelhantes às aquelas que denunciara em *Cacau*.

Com esse artigo, o jovem Jorge Amado termina por localizar em Ferreira de Castro uma espécie de precursor do romance social brasileiro, que chegava ao seu auge àquela altura. É claro que, para traçar essa filiação, ele faz uma leitura muito à sua feição, afirmando que no romance não haveria personagens, mas tão somente duas classes: “O capitalista e o trabalhador. E atrás deles a selva”. Chega mesmo a atribuir ao protagonista, Alberto, um futuro político de esquerda:

O próprio estudante português que, expulso como monarquista de sua terra, termina seringueiro no meio dos rios incríveis, até ele, individualista e pensando nas elites, acaba por se fundir na massa, abandonando monarquistas e republicanos, ficando o leitor certo que ele seguirá um rumo melhor (AMADO, 1934, p. 149).

Com isso, naturaliza o romance, praticamente tirando dele um de seus elementos-chave, que é o olhar estrangeiro do qual brota a narrativa de *A selva*. E mais significativo é esse olhar estrangeiro quando levamos em conta que se trata de um estrangeiro-quase-nós-mesmos, e por mais de uma razão. Em primeiro lugar, porque se trata de um português. Na longa viagem de gaiola que faz de Belém até o seringal no interior da mata, ele evocará as lições de história de Portugal para nos falar da ocupação da Amazônia, com isso sublinhando algo que, dito assim, parece óbvio, mas não chega a ser: o brasileiro e o português têm, na América, o mesmo passado. E é significativo que Alberto vá se lembrar de um nome como o de Francisco Melo Palheta, que pode ter nascido tanto no Pará como em Portugal e que tem, para os brasileiros, a significação especial de ter trazido da Guiana o cultivo do café.

Mas não só por isso. No empreendimento da exploração da borracha só há estrangeiros. Terra estranha a todos, a selva é atravessada, nesse livro, por cearenses e maranhenses, para quem tudo ali é estranho e difícil. A presença do caboclo já enraizado é escassa no romance, restringindo-se à figura de Lourenço, que apenas aparece na trama e já desaparece, morto por um seringueiro que queria casar-se com sua filha, menina de apenas 9 anos. E os índios, de quem, aliás, Alberto tem um medo que se pela, aparecem apenas como ameaça.

Mas ser “quase” o mesmo não é ser o mesmo. E o estatuto de estrangeiro, ao final, acaba favorecendo o estudante. Sendo considerado inapto para a extração do látex, acaba alçado a trabalhador de venda e escritório, o que abrirá uma porta de saída – e de volta a Portugal – muito mais cedo do que ele poderia ambicionar. Afinal, como diz o proprietário, Juca Tristão, “os judeus e os portugueses nasceram para o comércio” (CASTRO, 1958, p. 211).

Essa condição de estrangeiro tem rendimento muito particular no desfecho do romance. O negro Tiago, que sempre fora próximo ao proprietário e submisso a ponto de colocar uma laranja na cabeça para que o patrão testasse sua pontaria com armas de fogo, termina por assassiná-lo, e queimado. É que um grupo de cinco homens, presos ali pelas dívidas impossíveis de serem saldadas, havia tentado uma fuga. Tendo sido capturados, foram presos ao tronco, como se fazia aos escravos, e surrados impiedosamente com o couro do peixe-boi. A explicação do negro tem algo de inocência: “Eu gostava muito do patrão. Ele me podia até matar que eu não fugia. Era mesmo amigo dele. Mas seu Juca se desviou... Estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo só nas senzalas. E já não há escravatura...” (CASTRO, 1958, p. 299).

Essa explicação tem efeitos muito diversos sobre o guarda-livros brasileiro, o Guerreiro, e sobre Alberto. Para o primeiro, ela parecia incompreensível e seu desejo era o de punir o assassino, de também assar Tiago “como a um porco” (CASTRO, 1958, p. 299). Olhando de dentro, naturalizando a escravidão, Guerreiro só vê o crime hediondo, mais nada. Já para Alberto, que olha de fora, de uma experiência para a qual a escravidão não é mais que algo distante, mas, por outro lado, também com a experiência do seringueiro, vítima de uma exploração que não era mais do que outra forma de escravidão, a condenação não faz sentido. E é sob o impacto dessa cena que ele decide que destino terá depois da volta a Lisboa e da retomada do curso de direito: “Não! Não acusaria jamais. A ninguém! A ninguém!” (CASTRO, 1958, p. 301).

Como se vê, o que Alberto projeta para si mesmo não é bem o engajamento na luta pela igualdade social, mas sim o papel de quem compreende. Por isso, *A selva* não é

propriamente o tipo de romance social que Jorge Amado enxerga nele e o próprio Ferreira de Castro celebra em seu artigo de 1934.

Alguns anos depois, em 1937, seria publicado outro romance, *Seiva*, do paraense Osvaldo Orico, ambientado na Amazônia e que travaria um diálogo de outra natureza com o romance social. O olhar que o romance lança sobre a Amazônia é o de alguém já cansado desse romance social. O que se vê é a esperança nos resultados de uma nova investida econômica, depois da decadência da borracha: os empreendimentos industriais norte-americanos. E é esse estrangeiro, ligado a um futuro econômico brilhante, que aparecerá em *Seiva*.

De início, o fio condutor da trama é a curiosidade de Ellen Gray, a nova-iorquina “filha do chefe da missão comercial americana do Tapajós” (ORICO, 1937, p. 7), pela selva amazônica. A moça vem dos Estados Unidos para conhecer esse lugar exótico – e demora para vê-lo. Sua primeira decepção é com Belém, ao fim e ao cabo uma cidade como as outras. A excursão que faz na direção de Santarém também é insatisfatória. Quando chegam ao lugar em que a cidade nova se constrói, o aspecto civilizado do lugar ainda não dá ideia do que seja a mata. Isso só vai acontecer quando se prepara uma excursão exclusivamente com esse fim.

E essa excursão tem como guias cinco empregados locais da companhia americana, chefiados por Uité, “o mais esperto e corajoso” deles (ORICO, 1937, p. 84).

O passeio é agradável, até que o tempo vira e um temporal desaba. A paisagem muda e eles se veem sem ter como sair da mata, obrigados a passar a noite lá. Mas a noite é sossegada, nada demais acontece. É no dia seguinte que, ao procurar o caminho de volta, o grupo se dividirá e a moça se perderá, “distraída na caça às borboletas e parasitas” (ORICO, 1937, p. 125). O grupo segue adiante e presencia uma festa, o *putirum*, um grande mutirão. E nessa forma arcaica de solidariedade social o Dr. Huber, conhecedor da vida amazônica, vai apontar uma alternativa ao comunismo: “Esta pobre gente nunca leu uma obra de Lenine, nunca ouviu falar em Trotski, não tem qualquer notícia de Stálin, nem de Marx, e, entretanto, pratica secularmente o coletivismo” (ORICO, 1937, p. 120).

Enquanto isso, Uité é escalado para procurar Ellen. E, é claro, a encontrará, assustada, mas bem. Cansada, ela decide repousar um pouco e ferra no sono. Uité, com pena de acordá-la, deixa chegar a noite. E ali, depois de outra tempestade, em que o rapaz protege Ellen com o próprio corpo da violência das águas, a moça, que nos fora apresentada como alguém totalmente desinteressada do amor, “no começo, precisara dele [Uité] para defender-se. Por fim, necessitava para amá-lo”.

E aqui o romance entra num campo novo no qual a selva deixa de ser o lugar da ameaça e da morte para ser o lugar da possibilidade de vida simbolizada pela seiva:

Seiva é o batismo das substâncias que se querem, que se penetram e que se unem para melhor se completarem.
Saúde e vigor da terra!
[...]
O desejo – que é a seiva das criaturas – não conhece aqui o impossível (ORICO, 1937, p. 140).

Acontece que o impossível só acontece lá. Ao saírem da mata no dia seguinte, um constrangimento geral se instala. Em poucos dias, Ellen embarca de volta para os Estados Unidos, para casar-se com o médico da companhia, que antes a cortejara sem provocar qualquer efeito. Uitá decide ir atrás do barco que a leva e não volta mais. O leitor, que julgava inicialmente testemunhar um caso de encontro entre a mata e a civilização, nota que é bem o contrário disso que o romance encena.

Olhando esse fio condutor, a impressão que ele pode ter é a de que *Seiva* transpira ceticismo em relação a uma experiência de modernização da Amazônia, que, hoje sabemos, não daria mesmo em nada. Afinal, a americana some, o caboclo com quem ela tem uma tão intensa aventura sexual some, e até a noiva do rapaz, sobrevivente da seca cearense, também some.

Mas o romance sobrevive a esses sumiços só para nos mostrar duas coisas: o otimismo do narrador e a viabilidade do empreendimento estrangeiro, por meio de uma longa conversa entre Mr. Gray e o Dr. Huber. Ou seja, tudo aquilo que a trama em si parecia negar:

Tudo mudará. O dinheiro e o braço realizarão o vaticínio de Humboldt e a *jungle* amazônica se converterá no berço de uma outra civilização, celebrando o mais gigantesco traçado econômico do século.
Até lá, porém, muita lágrima terá de correr ainda, muitos esforços isolados se perderão para aplainar o grande esforço que há de vir no porão das grandes frotas, no ruído das hélices aéreas, no bojo prateado dos zepelins, revestidos das garantias imunizadoras do *pliofilm*, originário do leite das seringueiras amazônicas (ORICO, 1937, p. 200).

A esperança para a Amazônia é, portanto, um novo ciclo da borracha, por meio da exploração da borracha clorada – que a Goodyear patentearia com o nome de *pliofilm* –, a mais recente maravilha tecnológica que exigirá a borracha amazônica e dará uma segunda chance, não sem muito trabalho, é claro, a ela. É do estrangeiro que vem essa esperança, um estrangeiro que aparece apenas como vetor do desenvolvimento. A má experiência de Uitá, candidato a herói popular de confiança dos americanos, não é mais do que um “esforço isolado” a preparar o futuro grandioso.

Em *A selva*, desponta, pelos olhos do estrangeiro que mira sua carreira jurídica em Lisboa, alguma consciência da exploração. Em *Seiva*, algo confusamente, o olhar fascinado sobre o estrangeiro ignora a exploração e projeta para fora as suas esperanças.

REFERÊNCIAS:

AMADO, Jorge. A selva. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, v. III, n. 6, abr. 1934.

ANÔNIMO. “Nota da redação”. *O Diabo*, Lisboa, n. 10, 2 set. 1934.

CASTRO, Ferreira de. Literatura social brasileira. *O Diabo*, Lisboa, n. 10, 2 set. 1934.

_____. A selva. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

ORICO, Osvaldo. *Seiva*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

MINICURRÍCULO:

Luis Bueno graduou-se em Letras pela Universidade Estadual de Campinas e é Mestre e Doutor em Teoria e História Literária pela mesma instituição. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Paraná. Publicou, em 2006, *Uma história do romance de 30* e co-organizou, em 2007, *A Confederação dos Tamoios - Edição fac-similar seguida da polêmica sobre o poema*.